

Editorial

O presente volume de *Ephata* tem a teologia em Portugal como tema de fundo. Se nos perguntássemos como caracterizar o estado da reflexão teológica no nosso país, poderíamos responder que é resiliente, freática, inacabada.

A teologia em Portugal é resiliente pela sua capacidade de existir, apesar de tudo. Mesmo durante os decénios em que não houve uma instituição universitária (1911-1967) para o ensino e investigação, houve alguma teologia que foram fazendo homens como o padre Joaquim Alves Correia ou o bispo D. António Ferreira Gomes, para apenas citar os nomes mais importantes.

Com instituição universitária ou sem ela, parece justo dizer que o caudal mais significativo da reflexão teológica é freático, quer dizer, não corre à luz da visibilidade. De facto, o principal da nossa teologia esteve a cargo de figuras que viveram entre a discricção e a invisibilidade. Estamos a pensar em pensadores e pensadoras que, não sendo do mester, produziram obras que fazem o corpo daquilo que é a nossa verdadeira tradição. Estamos a pensar em Leonardo Coimbra, Dalila Pereira da Costa, Pinharanda Gomes, para não irmos mais longe no tempo nem na periferia do modo como trabalharam os autores que se aventuraram pela porta do mistério revelado de Deus e dos caminhos de uma justa ordenação racional do mundo que é o nosso.

Por isso, ocorre dizer que a teologia portuguesa é uma teologia em processo, ou uma teologia inacabada. Algumas tarefas mais importantes podem ser elencadas entre as que parecem mais decisivas para a teologia do porvir que, esperamos, possa interessar as próximas gerações de teólogos e teólogas.

A primeira tarefa seria de ordem metafísica. É decisiva para o pensamento teológico da nossa cultura a aventura pelo vasto campo em que se joga a discussão entre a solução gnóstica para a fundação da nossa mundividência e a revelação do Deus pessoal da fé cristã ortodoxa. Este debate vem do século XIX mas, a um olhar atento como deve ser o da teologia, mantém toda a sua atualidade nos dias que correm.

A segunda tarefa seria de ordem ética. A teologia tem um contributo decisivo a dar no que toca à fundação do modelo de convivência da nossa sociedade. A fundação moderna do nosso contrato social como povo pensou-se desde o laicismo que considera a atitude religiosa como nociva à liberdade, ao progresso e à democracia. Esse caminho vem do liberalismo, passou pelo republicanismo e prolonga-se pela ideologia da ciência dos dias que nos é dado viver. Por isso, nunca houve em Portugal uma educação moral que vise a autonomia, antes de propor e impor as ideologias mais correntes. Não só não houve educação moral como estão por pensar as questões da nossa história, tais como o sentido da epopeia dos Descobrimentos, que culminou numa Guerra Colonial, que continua no limbo das coisas por pensar com responsabilidade ética.

Finalmente, a teologia em Portugal tem também uma tarefa eclesial. A Igreja Católica, como comunidade predominante no nosso país, necessita também de desenvolver a teologia como forma de pensar a crise que está a viver. Precisa da teologia para o seu ajornamento e para superar o paternalismo da sua tradição. Só assim poderá testemunhar a liberdade religiosa como forma da sua existência na comunidade política plural que somos. Precisa da teologia, como forma de renovação do seu ministério sacerdotal, para que o ensino teológico que ministra não seja somente uma capacitação para o exercício de tarefas, mas uma iniciação à verdadeira humanidade e diaconia de caridade.

Oxalá os textos deste volume possam servir a quem os ler como forma de iniciação a esta forma de viver e de fazer em teologia.

Jorge Teixeira da Cunha